

Reflexões sobre diacronia

Nestor Dockhorn

Resumo: *This article shows some reflections about the subject diachrony. It resumes the considerations made by Saussure about diachrony, synchrony, system, and it analyses many aspects pointed out by those terms.*

Palavras-chave: *synchrony, diachrony, system, variacionism.*

1. Introdução

Discorrer sobre diacronia, se o ponto de vista for puramente teórico, parece fácil e tranquilo. Parte-se para a abstração e colocam-se antinomias em que se opõem um estado sincrônico da língua – em que não ocorre nenhum processo evolutivo – e uma série de unidades, em que os processos evolutivos ocorrem sem parar.

No momento, porém, em que se olha a língua dessa forma abstrata, não se está analisando uma língua real. Qualquer língua ou idioma do mundo está sempre sendo produzida por milhares e milhões de produtores. As atividades de produção de textos (evidentemente orais) se desdobram em milhões de momentos e milhões de lugares. As produções linguageiras se desdobram no tempo e no espaço e, na língua real, não há verdadeira sincronia. Não existe

Nestor Dockhorn leciona no Centro Universitário Geraldo de Biase, Volta Redonda, RJ.

tempo fixo, não existe o *agora*, porque quando dizemos “agora”, já não temos mais o *agora*, temos o *depois*. É o fluir constante que já os gregos observavam. Se eu, como falante, daqui a cinco minutos não sou mais o mesmo, como a minha língua ainda será a mesma, daqui a uma hora, amanhã, daqui a um ano etc? Além dessa constante diacronia, a língua é realizada numa imensa diatopia, que se desdobra por milhares e milhões de lugares.

Como buscar um sistema, uma homogeneidade de algo que não é fixo, que continuamente se transforma? E, pior ainda, a língua não é deste ou daquele. Ela é de todos e não é de ninguém.

No presente artigo, apontamos, primeiramente, um conjunto de termos relacionados com o tema, mencionando certas questões polêmicas. Num segundo item, apresentamos alguns pequenos textos do francês medieval, confrontando-os com o francês moderno; também transcrevemos alguns textos do português medieval, confrontando-os com o português moderno e pequenos textos do espanhol medieval.

2. Diacronia, sincronia e outros termos

É oportuno fazer considerações sobre certos termos, como *sincronia* e *diacronia*, *estado*, *processo* e *resultado*, *processo interno* e *processo externo* e várias *especificações de processos linguísticos*.

Os linguistas atuais utilizam constantemente os termos *sincronia* e *diacronia* como uma daquelas várias *dicotomias* utilizadas por Ferdinand de Saussure. Os dois termos têm étimos gregos, mas não existem literalmente na língua grega. São termos eruditos, formados como muitíssimos outros, em que os cientistas dos séculos XIX e XX lançavam mão de étimos gregos, quer radicais, quer afixos, e formavam termos novos. Os dois termos têm um elemento central, o radical grego CRON- [κρον], que indica *tempo*. Esse radical é completado pelo sufixo grego IA [ια], que designa termos abstratos. A forma hipotética* [κρονια], em nossa grafia *cronia*, corresponderia ao termo *temporalidade*. Os prefixos, também gregos, SUN e DIA *especificam* essa temporalidade.

O prefixo SUN [συν] (que, na língua grega, era também preposição) corresponde à preposição ou prefixo latino *cum* (que podia ter as variantes *co-*, *com-*). O significado é *simultaneidade*. Isso implica dizer que os acontecimentos ou fatos caracterizados pela sincronia ocorrem numa simultaneidade temporal. Podemos também conceber e distinguir uma simultaneidade espacial.

O prefixo DIA [δια] que, na língua grega, era também preposição, corresponde à preposição ou prefixo latino *per*. O seu significado inicial indi-

cava *separação espacial* ou também *travessia*. Foi aplicado ao *tempo*, com o sentido de *durante*. Em nosso caso concreto, é o *oposto da simultaneidade temporal*, querendo dizer *duração temporal*.

Devemos considerar, ao aplicarmos esses conceitos à produção da linguagem, que nenhum texto oral externo realizado no tempo pode ser realizado numa fração de segundo, prolongando-se por vários segundos, minutos ou mesmo horas. Todo fone se estende por frações de segundos ou por alguns segundos. Daí vem a impossibilidade de existir uma simultaneidade rígida. Essa simultaneidade poderia existir se houvesse uma *diatopia*, em que dois ou mais falantes, em lugares diversos, na mesma fração de segundo, produzissem fones distintos, que seriam simultâneos.

A impossibilidade de, na fala, ou naquilo que é produzido por um falante, num momento determinado, num lugar determinado, dirigido a um falante também determinado, ocorrer uma simultaneidade rígida nos leva a fazer abstração do tempo e a buscar outro termo ou outros termos que expressem melhor a situação. Saussure diz que “quando se estudam os fatos da língua...para o indivíduo falante, a sucessão deles no tempo não existe: ele se acha diante de um estado.” (Saussure, (1969), p.97). Por essa razão, o mesmo autor considera importante distinguir o *eixo das simultaneidades* e o *eixo das sucessões* (Id., p.95).

Na verdade, esse eixo das simultaneidades não seria uma verdadeira sincronia, mas uma *acronia*, isto é, a *ausência do tempo*. O próprio termo *tempo* merece especial atenção, porquanto certos filósofos (como Kant) o consideraram como uma “condição subjetiva” ou “conceito espúrio” (Bergson), (Cf. Cuvillier (1969), p. 157). Se refletirmos com rigor, o tempo *não produz nada, não é um agente*. São outros fatores que produzem transformações ou processos, que são realizados na temporalidade. O importante é descobrir esses fatores. Por essa razão, afirmações de Saussure, como “O tempo que assegura a continuidade da língua, tem um outro efeito (...) o de alterar mais ou menos rapidamente os signos linguísticos...” (Id. p. 89) - ou a afirmação “o tempo altera todas as coisas” (Id. p.91) - devem ser tomadas *cum grano salis*. O tempo *não produz nem modifica nada, não altera nada*.

Também merece especial atenção o termo *estado* empregado por Saussure. O que vem a ser um estado? Saussure opõe *evolução* a *estado* e *Linguística evolutiva* a *Linguística estática* (Id. p.96). Por outro lado, identifica *sincrônico* com *estático* e *diacrônico* com *evolutivo* (Id. p.96).

Saussure insistiu na distinção entre *língua* e *fala*. Essa distinção talvez até dificulte a análise do problema. Se o falante A diz: “Encontrei um amigo na rua.”, estamos diante de um fato *sincrônico*? Esse enunciado representa um estado? Esse enunciado é um produto concreto da fala. Se, porém, dissermos que a *sincronia* (ou não *evolução*) só existe na língua, deveremos dizer que aí não existe *sincronia*. A única solução é buscarmos uma maneira de encaixarmos esse ato da fala dentro da língua.

Aparece uma abertura para o problema, no momento em que Saussure diz que “A língua é um sistema do qual todas as partes podem e devem ser consideradas em sua solidariedade sincrônica” (p.102). Se a frase acima mencionada combina com algum determinado sistema de língua, ele se encaixa num estado de língua.

Sobre esse encaixamento, podemos aproveitar termos mais recentes, introduzidos na Análise do Discurso. São os termos *coesão* e *coerência*. (Cf. Dooley e Levinsohn (2003), p.37-59). Não que esses termos sejam a *descoberta da pólvora*, como alguns parecem acreditar – porquanto sempre foram buscados no estudo e na redação de textos – mas podem nos ajudar a deixar mais claro o caminho.

A junção de coesão e coerência poderia ser tratada num termo mais popular como *combinação*. Se um elemento de um enunciado combina com os outros termos do enunciado, ele tem coerência e coesão. Continua, porém, a pergunta: Por que esse elemento combina? Podemos responder que ele combina, porque corresponde a determinadas leis que subjazem ao enunciado. São as leis da *gramática* (no sentido como hoje é entendido esse termo). São os laços que constituem um *determinado sistema lingüístico*.

Sobre a formação de um sistema, não podemos deixar de dar atenção aos estudos do *variacionismo*. Não podemos pensar que um determinado idioma, por exemplo, o idioma português, tenha um sistema totalmente homogêneo: nele aparecem inúmeros subsistemas, produzidos por vários fatores. Depois dos estudos de Labov (1972), não é possível mais falar em um único sistema homogêneo de uma língua determinada. Devemos, então, falar não de um estado, mas de vários estados. Talvez até fosse mais conveniente falarmos de um macroestado, que engloba estados subjacentes.

Podemos imaginar que, para um determinado idioma, por exemplo, o português, existe um macrossistema que engloba leis que regulam os vários subsistemas, das inúmeras variações. Suponhamos, por exemplo, que nesse macrossistema exista uma lei que determina que os sintagmas nominais devem apresentar a categoria de número. Numa variedade culta, essa categoria de número se manifesta na flexão tanto do artigo como do substantivo; numa variedade popular, essa categoria de número se manifesta apenas na flexão do artigo. Esse macrossistema só pode apresentar leis que se manifestem em todos os subsistemas a ele subjacentes.

Voltando ao pensamento de Saussure, observamos que ele distingue (Id. p.95) o *eixo das simultaneidades* e o *eixo das sucessões*. Para designar o eixo das simultaneidades, o autor citado utiliza o termo *sincronia*, apesar de não simpatizar muito com ele. Com efeito, na página 106 de seu texto, observamos que o autor diz que “o termo *sincronico* não é bastante expressivo; deveria ser substituído pela designação (...) *idiossincronico*.”

Ao contrapor sincronia a diacronia, Saussure afirma (Id. p.109) que não se

pode aplicar “a noção de lei aos fatos evolutivos”. Para ele, os fatos evolutivos são particulares e acidentais. Esse ponto merece alguma reflexão.

O primeiro ponto a observar é que as alterações produzidas pelos processos de vários tipos que ocorrem na diacronia, alteram o sistema pré-existente. Como exemplo, tomemos as duas variedades do latim: a variedade culta (VCL) e a variedade popular (VPL – evitamos o termo “latim vulgar”). Se confrontarmos o sistema fonológico dessas duas variedades, observamos que, na VCL, não havia os fonemas /v/ e /j/, conforme *uidere* e *videre* e *iustitia* e *justitia*.

Nesse confronto, em que aparecem dois sistemas concorrentes, há um segundo ponto a considerar, que é verificar o grau de possibilidade de comunicação entre os usuários de ambos. No último caso apontado, será que os usuários da VCL se comunicavam com os usuários da VPL? e vice-versa? Ainda há a perguntar se esses dois sistemas são coexistentes ou se são derivados um dos outros. Será que a VPL é derivada da VCL?

A mesma pergunta pode ser feita relativamente ao português. As variantes populares são derivadas das variantes cultas? Ou qual é a relação entre as duas?

No item que apresentamos no fim do trabalho, procuramos confrontar uma variedade medieval do francês com a variedade moderna do mesmo. Ficará a pergunta seguinte: Um usuário do francês medieval entenderia um francês moderno? Ou um francês moderno entenderia um francês medieval?

Se falarmos em diacronia, ou melhor, em eixo de sucessão, convém notar que o mundo existe num contínuo *de vir*, uma vez que *ser é agir*. Todo ser está em contínua transformação, porquanto o processo *pertence à essência do ser*. Além disso, todo processo leva a outro processo. E todo processo tem um ponto de partida ou entrada, que os especialistas denominam o *input* e o ponto de chegada, que é denominado *output*. Os lógicos antigos falavam do *terminus a quo* e do *terminus ad quem*. O ponto de chegada é o *resultado* do processo. Mas como o ser vive em contínua transformação, o ponto de chegada ou resultado torna-se novo ponto de partida para novo processo. Por isso, nunca há um resultado definitivo. Isso tem aplicação especial no estudo das línguas.

O estudo dos processos que ocorrem nas línguas necessita de especificações. Por isso, falamos de processos *fonéticos*, processos *fonológicos*, processos *morfológicos*, processos *sintáticos*, processos *léxicos*, processos *semânticos*. Podemos dizer, em traços gerais, que o resultado especifica o tipo de processo. Assim, se o resultado é uma alteração fonética, o processo é fonético; se o resultado é uma alteração fonológica, o processo é fonológico; se o resultado é alteração morfológica, o processo é morfológico; se o resultado é alteração sintática, o processo é sintático; se o resultado é alteração léxica, o processo é léxico; se o resultado é alteração semântica, o processo é semântico.

Saussure (Id. p.109) diz que “os acontecimentos diacrônicos têm sempre caráter acidental e particular”. Em face disso, poderíamos partir para uma dessas frases de efeito e dizer que *cada palavra tem a sua história*. Ou, tentando aprofundar melhor, poderíamos dizer que *cada morfe tem a sua história*. Cada *morfe* tem a sua história, porquanto nele incidem processos fonético-fonológicos, processos morfológicos, processos sintáticos e processos semânticos. Muitas vezes, também, esses processos se imbricam uns nos outros e é difícil separá-los.

Dando um exemplo, se compararmos, a variante mais culta do sintagma [os livros] com a variante menos culta ou popular [os livro], podemos dizer que o processo de apagamento do /s/ final é tanto um processo fonético de apagamento como um processo morfológico de redução a zero da desinência de plural.

Voltando ao problema acima mencionado, de estado e sincronia, não se pode fugir da pergunta: Quanto tempo dura um estado? Saussure (Id. p.117) responde que “na prática, um estado de língua não é um ponto, mas um espaço de tempo, mais ou menos longo, durante o qual a soma de modificações ocorridas é mínima.” O mesmo autor pensa que um estado pode durar 10 anos, uma geração, um século e até mais.

Se tomarmos, porém, a duração de um estado como durando 10 anos ou uma geração, dificilmente as alterações ocorridas impedirão a comunicação.

Em geral, quando os usuários de determinado estado posterior têm acesso – por meio de documentos escritos – a um estado anterior e não os entendem, os lingüistas tendem a dizer que se trata de *novo idioma*. Se, porém, é possível haver comunicação, podemos falar de *nova fase* da língua e não de *nova língua*. Poderíamos dizer que se um usuário do galego-português se debruçasse sobre textos da VPL, não os entenderia porque se trata de nova língua. Mas se um falante do português medieval posterior ao galego-português se debruçasse sobre textos da fase do galego-português, provavelmente os entenderia, porque não se trata de outra língua.

3. Aplicação a textos medievais

Neste último item do presente trabalho, apresentamos alguns pequenos textos, produzidos na época medieval, confrontando-os com a tradução em linguagem moderna. Desse confronto podem surgir algumas questões que ajudem no aprofundamento do problema *diacronia*.

Apresentamos os pequenos textos em forma de tabelas, para facilitar o confronto do estado medieval com o estado moderno.

Textos da *Chanson de Roland*

Texto Medieval

Mur ne citet n' i est remés a fraindre,
Fors Sarraquee, ki est en une muntaigne.

Li empereres Carles de France dulce
En cest país nos est venuz cunfundre.

Blancandris fut des plus saives paiens;
De vasselage fut asez chevaler,
Prozdom i out pur sun seignur aider

E dist al rei: “ore ne vu esmaiez.”

“Branches d' olive en voz mains portereiz,
Si me direz a Carlemagne le rei
Pour le soen Deu qu' il ait mercit de mei”

Sur palies blancs siedent cil cevaler,

As tables jueunt pur els esbaneir
E as eschechs li plus saives e li veill,
E escremissent cil bachelier leger.

Textos de *Cantar delCid*

Texto Medieval

Antes de la noche en Burgos dél entró su carta,

con grand recabdo e fuertemente seellada:

que a mio Cid Roy Díaz, que nadi nol diessen
posada.

Non viene a la puent, ca por el água há passado,
que gelo non ventassen de Burgos omne nado.

Plega a Dios e a santa Maria
que aun con mis manos case estas mis fijas.

Texto Moderno

Il n' est resté ni mur ni cité à forcer
hors Saragosse, qui est sur une montagne.

L' empereur Charles de douce France
est venu nous confondre dans ce pays.

Blancandrin était parmi les plus sages païens;
par sa vaillance, il était bon chevalier,
il y avait en lui un homme avisé pour assister
son seigneur;
Il dit au roi: “Ne vous troublez pas!

“Vous porterez en vos mains des branches
d' olivier,
vous direz de ma part au roi Charlemagne
qu' au nom de son Dieu il ait pitié de moi.

Les chevaliers sont assis sur de blanches
étoffes de soie;

pour se divertir , les plus sages et les vieux
jouent aux tables et aux échecs,
et les jeunes fous font de l' escrime.

Texto Moderno

Antes de anoecer han llegado a Burgos
cartas suyas
con prevenciones muy severas y autorizadas
por el sello real.
Mandan que nadie dé posada al Cid Ruy Díaz.

Pero no han pasado por el puente: (...) cruzan
por el água.
para que no los sientan los de Burgos.

¡Oh, plegue Dios y a Santa Maria
que pueda casar con mis propias manos a
estas mis hijas

Textos de *A Demanda do Santo Graal*

Texto Medieval

Leixarnos queredes atal festa, u cavaleiros de todo o mundo veem aa corte, e mui mais ainda por vos veerem ca por al: deles por vos veerem, e deles por haverem vossa companhia?

Depós esto, enviou el-rei pola rainha e polas donzelas e donas, que veessem a ele.

Aquel dia ajudou el-rei armar Galaaz, e depois que foi armado, fora do elmo e do escudo, foi ouvir missa na capela del-rei, ele e sua linhagem.

Tradução

Você quer nos deixar em tal festa, quando cavaleiros de todo o mundo vêm à corte, e muito mais ainda para o verem do que por outra coisa: deles para o verem e deles para terem a sua companhia?

Depois disso, El rei mandou chamar a rainha e as donzelas e donas para que viessem até ele.

Naquele dia, el-rei ajudou a armar Galaaz, e depois que estava armado, sem elmo e escudo, foi ouvir missa na capela do rei, ele e sua linhagem.

4. Observações sobre os textos.

Os limites do presente trabalho impedem que se faça um estudo aprofundado dos mesmos. O ideal seria que se fizesse um estudo, com transcrições fonéticas, dos vários sistemas que se podem depreender: fonológico, morfossintático e léxico-semântico.

Limitamo-nos às seguintes observações:

a) O texto da Chanson de Roland está redigido em dialeto normando. É um elemento levemente complicador do problema, porquanto, além do problema da diacronia há uma questão de *diatopia*.

b) As grafias medievais costumam apresentar oscilações. Sobre a grafia e problemas fonéticos da Chanson de Roland, Moignet faz boas observações. Mencionamos algumas:

t- e -d- finais são mantidos na grafia;

s- final é mantido;

ei- corresponde a -oi- do dialeto franciano;

e- corresponde ao ditongo -ie- do franciano;

u-corresponde ao -o- do franciano: seignur: seignor

oe- corresponde ao franciano -ue- [ue].

Para um aprofundamento dos vários processos que resultaram na formação do francês moderno, recomenda-se a obra de Bourciez, *Éléments de Linguistique Romane* (p.636-722) ou Lausberg, *Linguística Românica* (v.1 e 2)

c) A grande pergunta que deve ser feita é a seguinte: Suponhamos dois fa-

lantes dos *estados* ou *sistemas* que estamos contrapondo (no francês, no espanhol, no português): poderia haver comunicação entre eles? A isso, podemos responder que há vários graus de comunicação. A comunicação pode ser realizada de forma total, ou como dizemos popularmente, numa percentagem de 100%; pode ser realizada parcialmente, mas ainda de forma razoável; ou pode ser realizada muito parcialmente, numa compreensão de pequenas partes. Há fatores que influem nisso: a escolaridade e a inteligência dos dois interlocutores, além do conhecimento da língua, da temática e do grau de conhecimento do tema dos dois interlocutores.

Se compararmos os três idiomas em questão, podemos dizer, a vôo de pássaro, que o texto português é o mais acessível; em segundo lugar, fica o espanhol e, em posição de maior dificuldade, fica o texto francês.

Conclusões

Ao fim dessas reflexões, em que se mesclaram vários termos, tanto utilizados por Saussure, como por outros autores, podemos tirar algumas conclusões.

Ao distinguirmos *língua* e *fala*, damos termos diferentes a realidades diferentes. Fala é uma *atividade complexa* de um ser humano, que engloba atividades internas, um *discurso* interno que seleciona e organiza vários signos, que estão a seu dispor e atividades externas que produzem um resultado externo, um *texto* capaz de enviar mensagens para outro ser humano. Evidentemente, como qualquer outra atividade, a fala se prolonga no tempo. Por incrível que pareça, essa é que seria uma *diacronia*.

Por outro lado, a atividade interna do falante descobre um conjunto de regras que aparecem nas mensagens recebidas e que ele vai juntando até formarem um *código* ou *sistema* que pode ter o nome de *gramática*. Esse sistema vai se formando paulatinamente no interior do falante, com diversos subsistemas. É claro que esses subsistemas menores e sistema maiores foram se organizando *no tempo*. Mas isso é irrelevante para o falante. O que é relevante para ele é se esse sistema ou subsistemas têm alguma coincidência com os sistemas e subsistemas de outros falantes, de forma que seja possível o intercâmbio de textos (evidentemente *orais*, porquanto a atividade de que falamos é oral).

Os termos gramática, código, sistema, estado (usado por Saussure) são equivalentes, se os tomarmos como posses *individuais*. O mesmo não se dá com o termo *língua*, que tem um caráter *coletivo*. A língua só está completa na massa, como diz Saussure.

Ponderamos que o termo *sincronia* não é muito feliz: seria melhor falar em *acronia*, que é a ausência (abstração) do tempo.

Ponderamos também que o eixo da sucessividade, mencionado por Saussure, embora seja constituído por elementos particulares, cria novos estados ou sistemas.

É importante também lembrar que podemos falar de macrossistemas, nos quais se encaixam subsistemas e que esses subsistemas podem ser paralelos e simultâneos. Todavia, parece-nos que o problema mais importante é constatar se os usuários desses subsistemas *podem se comunicar entre si*. Isso vale tanto para subsistemas coexistentes (sincrônicos, num verdadeiro sentido – olhados dentro da linha do *variacionismo*), como para subsistemas de épocas diferentes (diacrônicos).

Ponto importante também que apontamos é que o tempo não modifica nada: são outros fatores que alteram os sistemas; o tempo apenas manifesta as alterações.

Bibliografia

- BOURCIEZ, É. (1930). *Éléments de linguistique romane*. 3e. éd. rév. Paris: Klincksieck.
- CUVILLIER, A. (1969). *Pequeno dicionário da língua filosófica*. São Paulo: Editora Nacional.
- DOOLEY, R. A., LEVINSOHN, S. H. (2003). *Análise do discurso*. Petrópolis: Vozes.
- LABOV, W. (1976). *Sociolinguistique*. Paris: Les Éditions de Minuit.
- LAUSBERG, H. (1970). *Lingüística románica*. Trad. J. Pérez Riesco y E. Pascual Rodríguez. Madrid: Gredos. 2 v.
- MAGNE, A. (1944). (edit.) *A demanda do santo graal*. Rio de Janeiro: INSTITUTO NACIONAL DO LIVRO.
- MOIGNET, G. (1957) (edit.). *La chanson de Roland*. Paris: Bordas.
- PIDAL, R. M. (1982) (edit.). *Cantar del Cid*. Madrid: ESPASA-CALPE.
- SAUSSURE, F. (1969). *Curso de lingüística geral*. São Paulo: Cultrix.